



Prefácio

O mundo é um grande teatro...

William Shakespeare

Talvez o mundo seja um palco,
mas o elenco é um horror.

Oscar Wilde

Este livro começou a nascer em 2002, como um projeto de pesquisa para uma tese de doutorado. Naqueles inícios do século XXI, já bem longínquos, a curiosidade foi disparada pelo surgimento dos blogs, que na época eram descritos como “uma espécie de diário íntimo, só que publicado na internet”. É habitual, quando aparecem novas práticas, que se utilizem vocabulários já existentes, adaptando os repertórios de sentido disponíveis para explicar as novidades. Contudo, havia aí uma contradição entre a velha noção de intimidade, por um lado, e, por outro, a explícita vontade de tornar algo público, postando textos e imagens pessoais nada menos que na rede mundial de computadores.

O que parecia não encaixar nessa nova lógica era que, até então, a palavra “íntimo” se usava para nomear aquele acervo individual de afetos e ações que só podiam florescer no espaço privado; ou seja, protegidos da intromissão alheia por meio de paredes, pudores, chaves e fechaduras. Uma fissura tinha se aberto nesse universo, convidando para as indagações que não demoraram em se desdobrar desde várias perspectivas.

Mergulhar nesse paradoxo se converteu numa aventura fascinante, que foi se desenvolvendo enquanto o fenômeno não parava de crescer. Às confissões vertidas no ciberespaço logo se somaram outros indícios de que algo importante estava acontecendo nesse terreno: dos *reality-shows*, em que milhões de pessoas concorriam pelas poucas vagas oferecidas na televisão para serem observadas dia e



noite pelos olhos de um país inteiro, até as redes sociais como *Orkut* e depois *Facebook*, que em seguida permitiriam a qualquer um concretizar esse sonho de viver enredados nas telas.

O livro foi lançado em 2008 e, talvez por ter sido um dos primeiros a sondar essas perplexidades à medida que elas estavam ocorrendo, teve uma acolhida muito generosa. Tanto a edição em português como seu par em espanhol participaram de ávidos debates acadêmicos e midiáticos, contribuindo para alimentar as discussões sobre um assunto que não cessou de se alargar com uma velocidade e uma intensidade extraordinárias.

Oito anos pode parecer pouco tempo, sobretudo se pensarmos na vagarosa decantação dos processos socioculturais. Entretanto, é assustador constatar tudo o que se passou nesse curtíssimo prazo. Em menos de uma década, as tecnologias avançaram de um modo que teria sido impossível prever, com destaque para os dispositivos portáteis que agora todos levamos conosco a toda parte, e que não só nos permitem como também nos estimulam a estar em contato permanente com os demais através de câmeras, teclados, microfones, espelhos e redes.

Mas não se trata apenas dos recursos técnicos que foram aparecendo e nem dos hábitos que se instauraram em fina sintonia com essa aparelhagem. Além disso, muitas situações que antes era necessário esclarecer por meio de elucidações e casos que então surpreendiam ou chocavam agora não precisam ser explicadas porque se tornaram óbvias. E vários dos exemplos citados para ilustrar as questões levantadas hoje resultam pueris por excessivamente familiares, enquanto temos à nossa disposição todo um leque de manifestações que alguns anos atrás teriam sido impensáveis por sua audácia no transbordamento das antigas fronteiras entre o público e o privado.

Apesar dessa proliferação de fatos, o diagnóstico esboçado na edição original deste livro não só continua válido, como foi incrivelmente reforçado pelos acontecimentos dos últimos anos. Longe de ter sido resolvida, a inquietação inicial persiste e a pergunta primordial lateja com idêntica força: por que isto está acontecendo agora? Sem dúvidas, não é por causa das tecnologias digitais, embora estas coloquem o problema em evidência. Deslocar o foco dos reluzen-



tes artefatos para apontar à genealogia das subjetividades, portanto, apostando na hipótese de que estaríamos vivenciando uma importante mudança histórica, como se faz nestas páginas, continua sendo uma abordagem desafiadora para tentar compreender este curioso fenômeno ainda em auge.

Era necessário, porém, depurar algumas intuições e ajustar certas imprecisões que o tempo ajudou a delinear, além de acrescentar aqui e ali alguns exemplos mais próximos. Esse foi o caminho finalmente escolhido para esta reedição, portanto: apenas retraçar com maior firmeza algumas pistas outrora insinuadas e retocar determinados ângulos polindo suas arestas, embora resistindo à tentação de atualizar cada dado e cada notícia, bem como à de incorporar todas as filigranas dos debates mais recentes.

Por fim, agora que *O show do eu* renasce renovado, ao mesmo tempo rejuvenescido e mais maduro, gostaria de agradecer a todos os interlocutores que tive a sorte de encontrar ao longo desta caminhada, cujas vozes ecoam e confluem nestas páginas. Em especial, sublinho aqui minha imensa gratidão aos editores e aos leitores, por continuarem confiando no valor dos diálogos em forma de livro.

